VISÃO ALAGOAS 2030

OFICINAS

Cidade Mulher

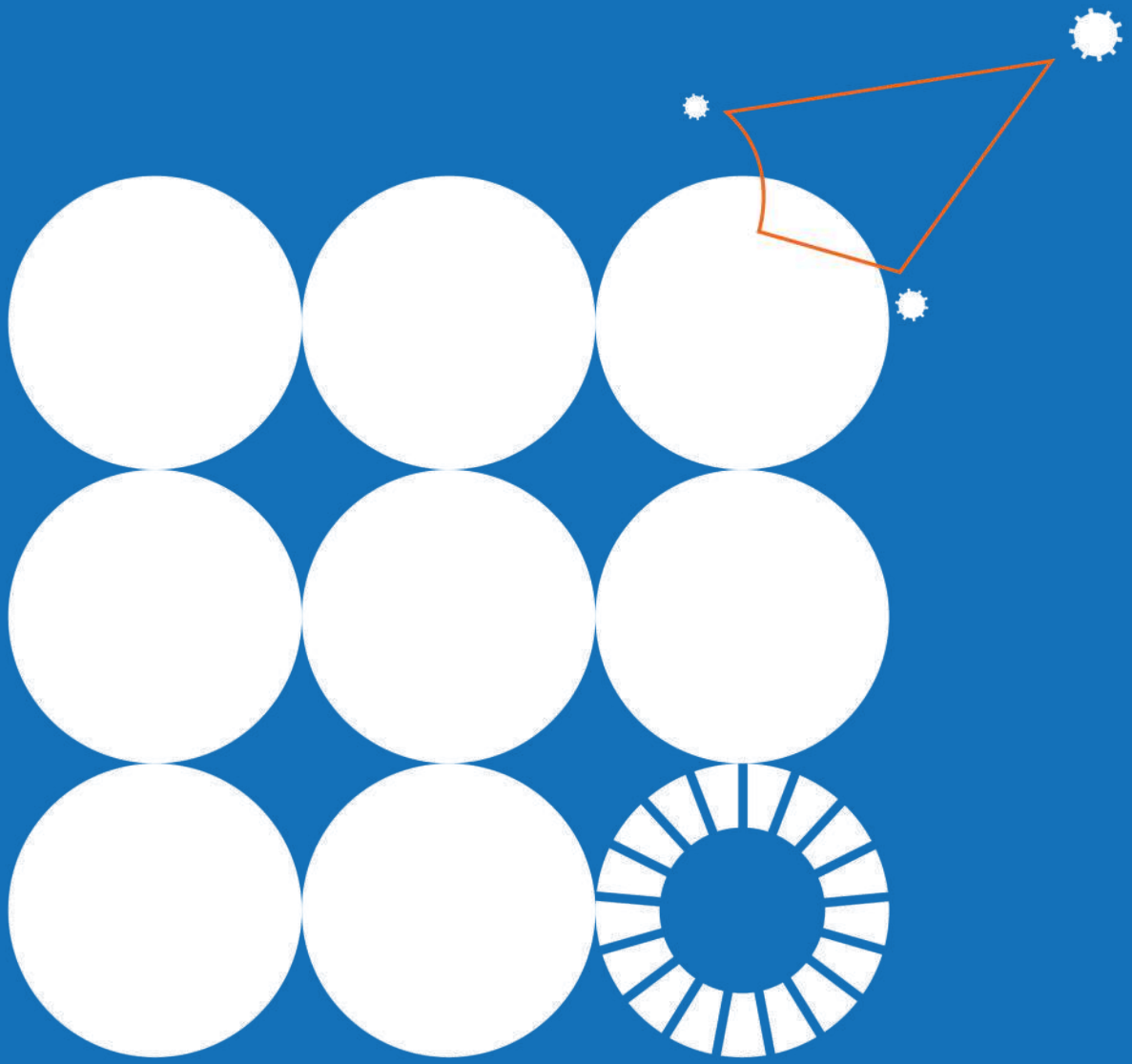
Maceió, Alagoas

ONU HABITAT
POR UM FUTURO URBANO MELHOR

IMPRENSA OFICIAL GRACILIANO RAMOS

ALAGOAS GOVERNO

Maceió/AL
Novembro de 2023



Oficinas **Cidade Mulher** em Maceió - Alagoas

ONU-Habitat

A Organização das Nações Unidas propõe, desde os anos 2000, agendas globais com objetivos e metas mensuráveis para promover a prosperidade enquanto protegemos o nosso planeta. Desde 2015, esse trabalho tem sido realizado a partir dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), estabelecidos na Agenda 2030, um plano de ação global criado para erradicar a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e promover vida digna a todos e todas, dentro das condições que o planeta oferece e sem comprometer a qualidade de vida das próximas gerações.

Posteriormente, em 2016, a Conferência das Nações Unidas sobre Habitação e Desenvolvimento Urbano Sustentável (Habitat III) estabeleceu a Nova Agenda Urbana (NAU), documento que serve de orientação para ações que visam padrões globais de desenvolvimento urbano sustentável, repensando a forma como construímos, gerenciamos e vivemos nas cidades.

A NAU representa uma visão compartilhada para um futuro urbano melhor, em que todas as pessoas tenham direitos e acessos iguais aos benefícios e oportunidades. Considerando a relevância do protagonismo dos estados e municípios para o cumprimento de ambas as agendas, o **Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat**), agência da ONU que atua há mais de 20 anos em prol do desenvolvimento urbano social, econômico e ambientalmente sustentável, trabalha diretamente com esses atores para aproximá-los dessas temáticas.

Foi com esse intuito que, em 2017, firmamos um Acordo de Contribuição com o Governo do Estado de Alagoas, que resultou no Visão Alagoas 2030. Com mais este projeto, esperamos colaborar para o desenvolvimento de uma visão de futuro para Alagoas, que amplie as possibilidades para as suas mais diversas comunidades, sem deixar ninguém e nenhum território para trás.

A seguir, apresentamos diretrizes que são um dos resultados desse esforço conjunto e estão alinhadas a este ideal. Agradecemos às pessoas e instituições que estiveram conosco neste trajeto e desejamos uma boa leitura!

Acompanhe o ONU-Habitat nas redes sociais!

@ONUHABITATBRASIL **ONUHABITATBR** **@ONUHABITATBR**

Paulo Dantas
Governador de Alagoas

Observar, planejar e trabalhar para construir uma sociedade mais justa é a principal diretriz de todos que fazem o Governo de Alagoas. Cientes de uma história secular de pobreza, o Estado, a iniciativa privada e a sociedade em geral têm um compromisso de reverter quadros de desigualdade social. Um compromisso que surge de dois tipos de observação: a do dia a dia, do contato, das nossas caminhadas por todos os 102 municípios, mas também um compromisso alicerçado na análise de dados e no trabalho de competentes profissionais que estão envolvidos na construção de políticas públicas que tornem nosso estado menos desigual.

Ninguém é capaz de fazer uma transformação deste porte sozinho, sem escutar, sem estudar, sem parcerias como esta que temos com o ONU-Habitat. Um trabalho que é referência para o mundo, mas, antes de tudo, é referência para milhares de alagoanos que já tiveram suas vidas melhoradas por este olhar, por este planejamento, por este trabalho para garantir uma vida com acesso aos serviços públicos.

Porém, é importante frisar que o nosso compromisso não é com o que já foi feito. Nosso compromisso está apontado para a mudança da realidade que ainda não pôde ser transformada, mas que será e que é para já. A partir da observação e análise dos dados desta realidade, nós, servidores e gestores públicos, vamos garantir uma série de políticas para dar autonomia a jovens e adultos, proteção às mulheres e crianças, segurança aos pais e mães de família, oportunidades aos micro, pequenos e médios empreendedores.

A construção dessas políticas perpassa, primordialmente, por produtos deste tipo, que não só balizam a tomada de decisões, como contribuem para a manutenção e o aprimoramento das práticas que permeiam a gestão pública.

Observando, planejando, trabalhando muito, alinhados com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas, nós vamos mudar a vida de milhares de alagoanos e cumprir a missão que o povo nos confiou.

Acompanhe o Governo de Alagoas:

ALAGOAS.AL.GOV.BR **@GOVERNODEALAGOAS**

Visão **Alagoas** 2030

Visão Alagoas 2030

O **Visão Alagoas 2030** é um projeto de cooperação técnica entre o ONU-Habitat e o Governo de Alagoas. Iniciado em 2017, o seu principal objetivo é fortalecer a prosperidade urbana sustentável e inclusiva de Alagoas, por meio da produção de dados e informações e da elaboração de estratégias de ação para qualificar as políticas públicas, planos e ações estaduais.

O Projeto estrutura-se em três eixos de implementação:

1. Dados e informações
Construção de indicadores, mapeamentos e diagnósticos

2. Estratégias e soluções
Elaboração de planos, diretrizes e recomendações

3. Capacidades e oportunidades
Realização de capacitações, intercâmbios e projeção internacional e nacional

Escaneie para saber mais!

Este produto pertence ao **Eixo 2**

Estratégias e soluções

Ficha técnica

GOVERNO DO ESTADO DE ALAGOAS

Paulo Suruagy do Amaral Dantas (2022 - Atual)
José Renan Vasconcelos Calheiros Filho (2015 - 2022)
Governador do Estado

Ronaldo Augusto Lessa Santos (2023 - Atual)
José Wanderley Neto (maio a dezembro - 2022)
Vice-governador

Renata dos Santos (2023 - atual)
George André Palermo Santoro (2015 - 2023)
Secretário/a de Estado da Fazenda

Gabriel Albino Ponciano Nepomuceno (2023 - atual)
Renata dos Santos (2022 - 2023)
Secretária/o de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio

Roseane Ferreira Vasconcelos (2023 - atual)
Marcius Beltrão Siqueira (2023)
Roseane Ferreira Vasconcelos (2022 - 2023)
Secretário/a de Estado da Educação

Susan Ellen Brito
Equipe Técnica Seplag

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS ASSENTAMENTOS HUMANOS (ONU-Habitat)

ESCRITÓRIO REGIONAL PARA AMÉRICA LATINA E O CARIBE (ROLAC) - BRASIL E CONE SUL

Alain Grimard
Representante para o Brasil e Cone Sul

Rayne Ferretti Moraes
Oficial Nacional para o Brasil

Ana Elisa Larrarte
Coordenadora de Programas

Bruna Gimba | Julia Caminha | Fábio Donato
Laura Collazos | Tiago Marques
Analistas de Programas

Gabriel Vaz de Melo
Analista de Dados

Aléxia Saraiva
Analista de Comunicação

Thayanne Massopust
Assistente de Comunicação

Camila Nogueira
Designer Gráfica

Claudia Bastos de Mello
Especialista Financeira

Adriana Carneiro | Vanessa Santos | Carolina Oliveira
Analistas de Operações

Jéssica Blanco
Assistente Administrativo

Ficha técnica

EQUIPE TÉCNICA DO PROJETO

Alex Rosa
Coordenador de Programas

Angélica Carnelosso | Fernanda Balbino | Paula Zacarias
Analistas de Programas

Harlan da Silva
Analista de Dados

Bethânia Boaventura | Mariana Nascimento
Assistentes de Programas

Júlio dos Santos
Assistente de Dados

Minne Santos
Assistente de Comunicação

Sávio Silva
Designer Gráfico Júnior

ELABORAÇÃO DO PRODUTO

Angélica Carnelosso | Bethânia Boaventura | Fernanda Balbino
Implementação e redação

Bruna Gimba | Daphne Besen | Tiane Souza
Metodologia e redação

Alex Rosa | Paula Zacarias
Revisão

Minne Santos | Sávio Silva
Comunicação e diagramação

APOIO INSTITUCIONAL

COLUMBIA GLOBAL CENTERS | RIO DE JANEIRO
Columbia Women's Leadership Network Program in Brazil - Cohort 2022

siglas

BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CAF	Banco de Desenvolvimento da América Latina
CLVI	Crimes Violentos Letais Intencionais
EE	Escola Estadual
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
MVI	Mortes Violentas Intencionais
Neac	Núcleo de Estatística de Análise Criminal
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais Transexuais, Transgêneros, Travestis, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexualidade e demais orientações sexuais e identidades de gênero
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
PDUI	Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado
RMM	Região Metropolitana de Maceió
Seduc	Secretaria de Estado da Educação
Selaj	Secretaria de Estado do Esporte, Lazer e Juventudes
Semudh	Secretaria de Estado da Mulher e dos Direitos Humanos
Seplag	Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio
Setrand	Secretaria de Estado de Transporte e Desenvolvimento Urbano
SSP	Secretaria de Estado da Segurança Pública
UPA	Unidade de Pronto Atendimento

Sumário

10 *Apresentação*
11 *Desigualdades, violências de gênero e cidade*
13 *Oficinas Cidade Mulher em Maceió*
21 *Resultados e análises*
33 *Recomendações*
36 *Considerações finais*
37 *Referências bibliográficas*
38 *Anexos*

Apresentação

Meninas e mulheres representam metade da população mundial, mas suas necessidades são frequentemente omitidas no planejamento urbano. Para transformar essa realidade e promover um futuro urbano mais justo e inclusivo para todas as pessoas, a participação feminina no planejamento e tomada de decisão sobre as políticas públicas das cidades é fundamental.

A partir deste princípio, o ONU-Habitat, em cooperação com seus diversos parceiros, tem implementado projetos que levam em conta a perspectiva de gênero nas políticas públicas e urbanas. No Brasil, um exemplo disto são as Oficinas "Cidade Mulher", baseadas na metodologia das "Auditorias de Segurança das Mulheres", que foi adaptada no programa global "Cidades Mais Seguras" do ONU-Habitat.

A Cidade Mulher se caracteriza tanto como uma estratégia de transversalização de gênero no planejamento da segurança urbana, quanto como uma estratégia de localização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), sobretudo o ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis) e o ODS 5 (Igualdade de Gênero).

Originalmente implementada em Pernambuco pelo ONU-Habitat – em parceria com o Governo do Estado no âmbito do projeto "Cooperação Pernambuco: Prevenção, Cidadania e Segurança" –, em Maceió, as Oficinas Cidade Mulher foram adaptadas para uma iniciativa piloto no projeto Visão Alagoas 2030, em parceria com o *Columbia Global Centers* e a participação de integrantes da *Columbia Women's Leadership Network*, edição 2022.

Neste sentido, o Relatório apresenta os principais resultados das oficinas participativas realizadas com jovens mulheres do ensino médio de duas escolas estaduais para mapear, por meio das suas percepções e experiências de cidade, os fatores sociourbanos que causam sensações de (in)segurança nos espaços públicos dos entornos escolares. Ao final, também são apresentadas recomendações de ações de curto, médio e longo prazo.

Destaca-se que algumas das questões levantadas nesta publicação são desafios universais enfrentados por meninas e mulheres em diversas outras cidades do mundo. Ao mesmo tempo, há particularidades e desafios interseccionais que atravessam a experiência feminina de jovens de diferentes raças, orientações afetivo-sexuais, religiosidades e realidades distintas de territórios maceioenses.

O documento está estruturado em cinco seções principais:

1. Desigualdades, violências de gênero e cidades;

2. Oficinas Cidade Mulher em Maceió;

3. Resultados e análises;

4. Recomendações;

5. Considerações finais.

Capítulo 1

DESIGUALDADES, VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E CIDADES

Atualmente, de acordo com o Relatório Mundial das Cidades 2022, aproximadamente 55% da população mundial vive em áreas urbanas, sendo 50% composta de mulheres (UN-HABITAT, 2022). Apesar de representarem metade da população urbana global, meninas e mulheres têm suas experiências nas cidades marcadas por iniquidades sociais, econômicas e políticas. Ao mesmo tempo, as suas necessidades específicas e desejos não têm sido representados efetivamente no planejamento urbano. Estes fatores também contribuem para que o medo e a sensação de insegurança seja uma constante no cotidiano de seus deslocamentos nos espaços públicos.

Nas cidades brasileiras, essas iniquidades também têm sido estruturadas a partir das hierarquias raciais, de gênero, de classe e de orientação afetivo-sexual que marcam localmente os processos de construção e apropriação do espaço urbano. Nesse contexto, o planejamento urbano tende a ser formulado historicamente com base em categorias concebidas para a manutenção de um padrão normativo estruturado a partir do homem branco heterossexual e cisgênero. Consequentemente, o desenvolvimento urbano tem reafirmado as construções sociais e culturais sobre os papéis de gênero, contribuindo para o acesso desigual a direitos e aos benefícios da urbanização.

A adoção deste padrão ignora o fato de que as meninas e mulheres não só percebem e experienciam cidades de diferentes maneiras que os meninos e homens, como também utilizam os espaços públicos de forma distinta (UN-WOMEN, 2017, 2021). A exclusão das meninas e mulheres nos processos de planejamento urbano significa que suas rotinas, deslocamentos e perspectivas não estão refletidas no desenho urbano e suas funções. Ou seja, o planejamento das cidades tem ignorado as necessidades e os desafios específicos que elas enfrentam no seu cotidiano. Uma vez que a cidade não é inclusiva no seu desenho, infraestrutura, facilidades e serviços, os grupos que não foram priorizados neste desenho são então prejudicados em suas vivências urbanas.

Ademais, as meninas e mulheres negras, afetadas tanto pelo racismo quanto pelo sexismo, são expostas a uma vulnerabilidade social ainda maior, marcada tanto pelo sentimento de medo motivado por questões interseccionais quanto pelo enfrentamento de maiores obstáculos ao acesso a oportunidades de emprego e renda, à participação política, à educação, à infraestrutura urbana, à moradia adequada e ao deslocamento livre e seguro em determinados espaços.

De acordo com estudo pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF) e ONU-Habitat, os desafios relacionados ao gênero no planejamento urbano podem ser classificados em três categorias de acessibilidade: serviços, política e econômica. Na acessibilidade aos serviços, o relatório destaca que a desigualdade de gênero nos centros urbanos é observada principalmente em termos de acesso limitado à infraestrutura, à moradia adequada e economicamente acessível, à mobilidade urbana e à segurança pública (BID; CAF; UN-HABITAT, 2020).

Considerando a construção sociocultural da divisão dos papéis de gênero, é delegado às mulheres responsabilidades relacionadas ao trabalho doméstico, cuidado dos filhos e familiares, fazendo com que seus padrões de deslocamentos reflitam essas atividades. Por exemplo, as mulheres desenvolvem deslocamentos poligonais, múltiplos e curtos, majoritariamente realizados a pé e por transporte coletivo, que se diferenciam dos padrões de deslocamentos pendulares, lineares e de longa distância dos homens, estes destinados geralmente a viagens casa-trabalho e realizados por meio de transporte motorizado individual ou coletivo.

Ao ignorar este dado, as cidades são constantemente planejadas priorizando vias expressas, o transporte motorizado e os fluxos casa-trabalho, privilegiando as demandas de mobilidade masculinas.

Outro fator limitante para o deslocamento das meninas e mulheres nas cidades é que estas são percebidas como o grupo mais vulnerável à ocorrência de violência durante seus trajetos, inclusive a violência de gênero. A violência de gênero se define como qualquer tipo de agressão física, psicológica, sexual, moral ou simbólica contra alguém devido a sua identidade de gênero ou orientação afetivo-sexual. O relatório "Pelo Fim da Violência Contra Mulheres" informa que quase dois terços das mulheres em todo mundo passam por situações de violência em longo prazo, com metade delas sofrendo violência diariamente (ONU MULHERES, 2017).

Somado a isto, a ocorrência destas situações no transporte público, nos pontos de ônibus e estações de trem e nos demais espaços públicos são uma realidade constante na vida das mulheres. A pesquisa "Percepções sobre Segurança das Mulheres nos Deslocamentos pela Cidade" revela que, no Brasil, 81% das mulheres já sofreram violência em seus deslocamentos na cidade, 54% já passaram por importunação sexual nos ônibus, 69% das mulheres já foram alvo de olhares insistentes e cantadas inconvenientes ao se deslocarem pela cidade e 67% das mulheres negras relataram ter passado por situações de racismo quando estavam a pé (INSTITUTO LOCOMOTIVA; AGÊNCIA Patrícia Galvão, 2021).

Outros dados também reforçam a necessidade de adotar uma abordagem específica de gênero para a cidade, como o fato de que 80% dos espaços públicos urbanos são ocupados por meninos a partir dos 8 anos de idade, segundo a plataforma internacional The City at Eye Leve (ZIMM, 2020). Portanto, é fundamental considerar o recorte etário nos processos de planejamento urbano, tanto pelo papel de gênero da mulher estar relacionado ao cuidado e a sua segurança enquanto mãe também está vinculada à segurança das/os filhas/os, quanto pelo fato de a dimensão etária influenciar na diferença de necessidades e vulnerabilidades.

Diante desse contexto, iniciativas como a Cidade Mulher se constituem como uma das respostas possíveis para a integração da perspectiva de meninas e mulheres no desenho de cidades e na elaboração de estratégias de segurança urbana. Ainda que o planejamento urbano por si só não seja o gerador da violência de gênero, o desenvolvimento de espaços públicos mais seguros pode contribuir para reduzir as suas ocorrências e aumentar a sensação de segurança.

Em síntese, este Relatório tem como objetivo sistematizar os resultados e análises das Oficinas Cidade Mulher realizadas em Maceió, e informar técnicas/os, gestoras/es e tomadoras/es de decisão do governo municipal, estadual e demais esferas do poder público, sobre possíveis ferramentas participativas sensíveis a gênero, capazes de desenvolver diagnósticos, estratégias e políticas públicas integradas baseadas em evidências.

Capítulo 2

OFICINAS CIDADE MULHER EM MACEIÓ

2.1. Metodologia Cidade Mulher

A Cidade Mulher é uma metodologia participativa criada pelo ONU-Habitat Brasil, baseada nas "Auditorias de Segurança das Mulheres", que faz parte do programa global "Cidades Mais Seguras" e já implementadas anteriormente pelo Projeto Visão Alagoas 2030 (box 1).

Box 1

Em 2018, as Auditorias de Segurança das Mulheres foram implementadas em três territórios da cidade de Maceió (Jacintinho, Benedito Bentes e Baixada Lagunar), como parte do "Diagnóstico Participativo e Analítico da Segurança Urbana em Maceió", que forneceu dados e informações para a elaboração das "Estratégias para a Segurança Urbana e a Prevenção ao Crime em Maceió".

O Diagnóstico constatou que a violência letal em Maceió é direcionada e localizada territorialmente e afeta indivíduos de gênero, raça/cor e idade específicos. Os problemas elencados pelas mulheres durante as Auditorias se relacionavam sobretudo ao medo, ao silenciamento e à sensação de insegurança onipresente, tanto fora de casa, sujeitas a atores externos, quanto no interior do lar, à violência doméstica. Com relação à insegurança nas ruas, foi relatada a vulnerabilidade ao assédio sexual, à violência policial, o tráfico de drogas e sua consequente regulação territorial.

Já as Estratégias apontaram três eixos de diretrizes: fortalecimento da governança em segurança pública; modernização e valorização das instituições do sistema de segurança pública; e medidas de prevenção à violência letal.

Auditoria de Segurança das Mulheres

Saiba mais!

© ONU-Habitat, 2018.

Oficina Cidade Mulher em Maceió

© Minne Santos - ONU-Habitat, 2022.

A Auditoria de Segurança das Mulheres, criada no Canadá em 1989, aborda os limites sociais e físicos que restringem o acesso das mulheres aos espaços públicos.

Por meio de uma avaliação detalhada dos ambientes urbanos (ruas, praças, parques, transporte público) e seus elementos físicos, a Auditoria mapeia os principais fatores que causam insegurança e permite a elaboração de propostas de melhorias que possam ser incorporadas em políticas públicas e projetos urbanos.

A metodologia foi desenvolvida para ser replicada e adaptada aos contextos específicos de cada território e considera que as especialistas em segurança são as usuárias daquele espaço. Portanto, além de encorajar mudanças no ambiente físico, busca empoderar mulheres para ocupar o espaço público e participar das tomadas de decisão.

Baseada nas Auditorias, a Cidade Mulher foi desenvolvida e implementada em Pernambuco pelo ONU-Habitat, em parceria com o Governo do Estado, no âmbito do projeto "Cooperação Pernambuco: Prevenção, Cidadania e Segurança". O seu principal objetivo é a acessar e identificar os fatores sociourbanos que causam sensações de (in)segurança nos espaços públicos por meio das percepções, experiências de cidade e levantamento de necessidades das mulheres de cada território.

A versão original da metodologia é composta por quatro etapas, com as respectivas atividades:

Engajar

- Inscrição e perfilação das participantes.

Territorializar

- Aplicação da Cartografia Coletiva para localizar no mapa os locais onde as mulheres se sentem seguras e inseguras.

Reconhecer

- Realização da Caminhada Exploratória
- **Questionário 1:** avaliação da segurança no trajeto da Caminhada Exploratória e no bairro
- **Questionário 2:** avaliação da percepção de segurança nos três pontos da Caminhada Exploratória

Escaneie e acesse o Caderno Metodológico!

Acolher

- Realização de atividade Quebra Gelo;
- Realização de Roda de Conversa para aprofundar o diálogo sobre as experiências de insegurança das mulheres a partir de perguntas orientadoras;
- Realização da dinâmica da Árvore de Desejos, na qual as mulheres sinalizam o que desejam para o bairro.

Para saber mais sobre a Cidade Mulher desenvolvida pelo ONU-Habitat em Pernambuco, escaneie aqui e acesse o relatório completo!

2.2. CONTEXTO MACEIOENSE E DEFINIÇÃO DOS TERRITÓRIOS

Alagoas é o estado com o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país e um dos mais afetados pela pobreza, com 11,89% da sua população vivendo em situação de extrema pobreza (menos de U$1,9 por dia), 24,22% vivendo em situação de pobreza (menos de U$5,5 por dia) e 49,99% vulneráveis à pobreza (IBGE, 2021).

A cidade de Maceió abriga quase um terço da população do estado (957.916 habitantes), do qual 17,32% vivem em comunidades e favelas. Em Maceió, 14,50% da população vive em situação de pobreza, 6,91% em extrema pobreza, 37,66% vulneráveis a pobreza e seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,717, ocupando a 1.266ª posição entre os 5.565 municípios brasileiros (IBGE, 2021).

A capital alagoana figurou entre as 30 cidades com maiores taxas de Mortes Violentas Intencionais (MVI) até o 15º Anuário de Segurança Pública (2020). Desde então, apresentou melhora significativa do índice, mantendo-se fora desse ranking em 2021 e 2022, apesar de concentrar, de janeiro a novembro de 2022, cerca de 27% dos Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) e 31% dos feminicídios do estado.

Ademais, a capital mantém altos índices de violência de forma concentrada espacialmente, como mostram os dados históricos da Secretaria de Estado da Segurança Pública (SSP), fornecidos pelo Núcleo de Estatística de Análise Criminal (Neac). Somente em 2022, mais de 53% dos CVLI ocorreram em apenas seis bairros (Benedito Bentes, Feitosa, Jacintinho, Cidade Universitária, Tabuleiro dos Martins e Levada). Além disso, 44% ocorreram em vias públicas, 76% eram negros e 56% eram jovens, entre 12 e 29 anos.

Nesse contexto, para a implementação da Cidade Mulher em Maceió, foram selecionadas duas escolas (Figura 1), com perfis e localizações distintas, a Escola Estadual Maria das Graças de Sá Teixeira (EE Maria das Graças) e Escola Estadual Doutora Eunice Lemos (EE Dra. Eunice Lemos).

Apesar da amostra limitada, a definição das duas escolas buscou representar a diversidade da perspectiva das jovens e a influência do contexto educacional e territorial nas suas percepções, dado que ambas estão localizadas em bairros com índices críticos de violência e criminalidade, porém, apresentam diferentes taxas de desempenho educacional.

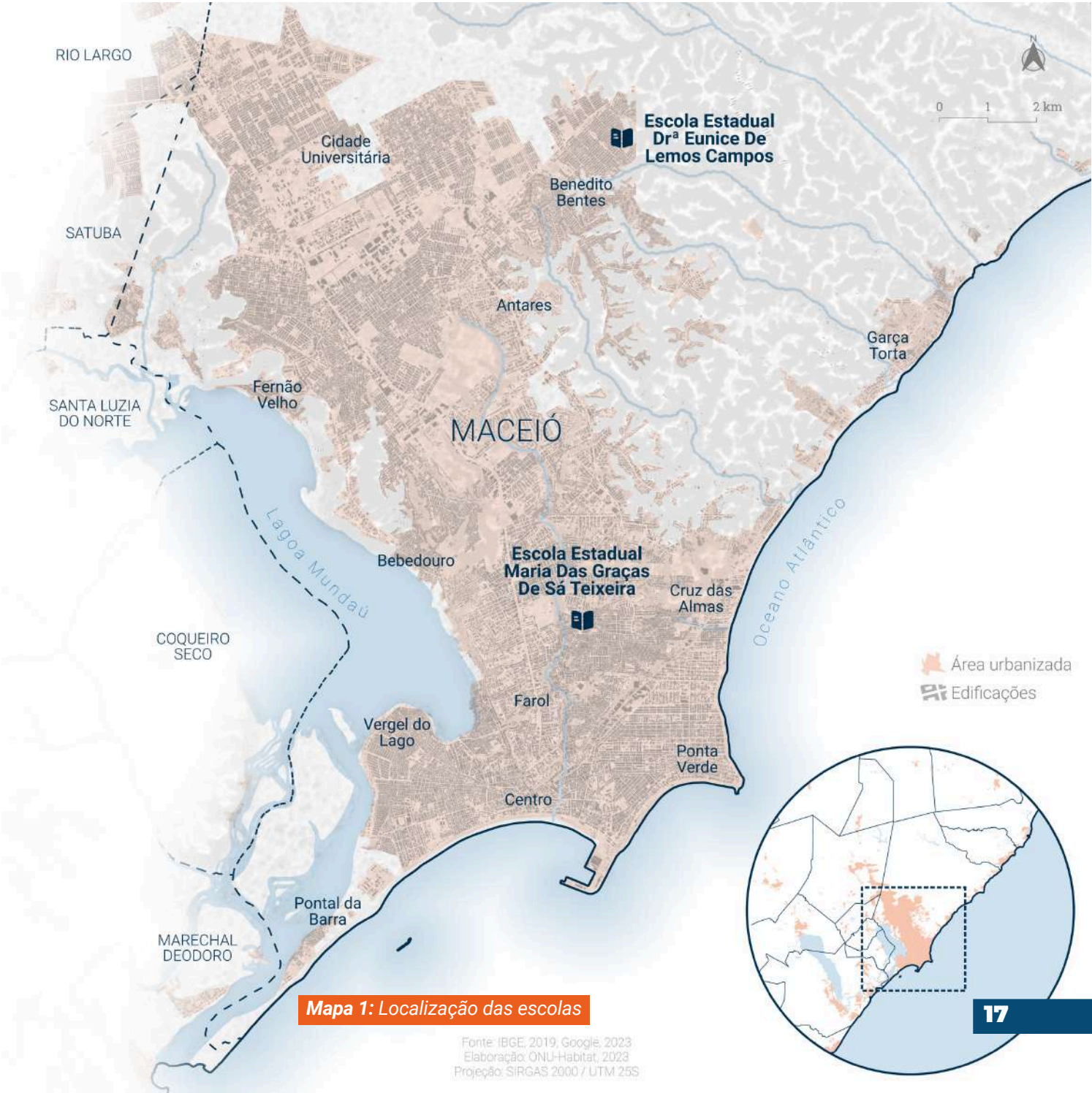
© Reprodução/Google

© Reprodução/Google

Figura 1: *Escolas selecionadas no Benedito Bentes e Feitosa*

A EE Maria das Graças obteve o 2º melhor desempenho de Maceió no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e está localizada no bairro Feitosa, próximo ao Jacintinho, que concentra o maior número de grotas (assentamentos precários em fundos de vale) de Maceió.

A EE Dra. Eunice Lemos obteve a 21ª colocação no IDEB dentre as escolas de Maceió e se encontra no bairro do Benedito Bentes, o mais populoso da cidade. Dentre as 230 escolas do estado de Alagoas, a escola do Benedito Bentes ficou em 129º lugar no IDEB, enquanto a do Feitosa, em 12º.



Mapa 1: *Localização das escolas*

Fonte: IBGE, 2019; Google, 2023
Elaboração: ONU-Habitat, 2023
Projeção: SIRGAS 2000 / UTM 25S

2.3. IMPLEMENTAÇÃO DAS OFICINAS EM MACEIÓ

Para a implementação das Oficinas Cidade Mulher em Maceió, foi necessário adaptar a metodologia original ao cronograma restrito e ao contexto das duas escolas estaduais selecionadas pelo Governo de Alagoas. Sendo assim, a versão adaptada não contemplou a visita técnica, a Caminhada Exploratória e a Árvore de Desejos, além de remanejar etapas e atividades para a sua melhor execução:

Engajar

- Inscrição e perfilação das participantes, com inclusão de perguntas adicionais – como trajetos que as jovens percorrem no dia a dia, meios de locomoção e a participação em coletivos – relacionadas às percepções espaciais e uso do ambiente urbano, que inicialmente constavam nos questionários da dimensão "Reconhecer" da metodologia original (ver Anexo I).
- Sensibilização sobre espaços públicos, segurança, gênero e raça e sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Acolher

- Realização da Roda de Conversa, com perguntas norteadoras para sensibilizar e captar as percepções de (in)segurança do grupo participante e os fatores socioambientais e elementos de desenho urbano que causam essas sensações (box 2).

Territorializar

- Aplicação da Cartografia Coletiva, incluindo local de moradia, rotas diárias, espaços de lazer e de trabalho, espaços de (in)segurança, possíveis rotas de fuga, entre outros aspectos para visualizar a circulação das jovens na cidade e acesso aos espaços públicos existentes. Além disto, contemplou também o mapeamento dos espaços a serem aprimorados e desejos de mudança.
- Após a Cartografia, foi conduzido um momento de Debate e Trocas dos resultados entre os grupos para que fosse possível captar os anseios das participantes na construção de espaços mais acolhedores de forma territorializada na região do entorno das escolas e para que identificassem questões em comum e divergentes.

Todas as atividades das Oficinas foram realizadas dentro do espaço das escolas e contou com uma breve sessão inicial de sensibilização sobre espaços públicos, segurança, gênero e raça e sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Em cada escola, as estudantes foram divididas em duas **Rodas de Conversa** e essa etapa permitiu entender as principais questões que atravessam a relação das jovens com a cidade, além de prepará-las para as perguntas norteadoras da Cartografia Coletiva (box 3).

BOX 2

1. O que é estar e se sentir segura na cidade para você?

2. Você sente que o bairro em que você mora é seguro? E o entorno da escola?

3. Quais os seus maiores medos quando estão nos espaços públicos ou se deslocando em Maceió? Quais destes medos se relacionam diretamente com o fato de serem mulheres e meninas?

4. Já sofreram algum tipo de importunação sexual e/ou discriminação racial em algum espaço público durante seus deslocamentos? Acontece com que frequência?

5. O que você acha que falta e que poderia ser feito no espaço do seu bairro/comunidade para melhorar a sua sensação de segurança?

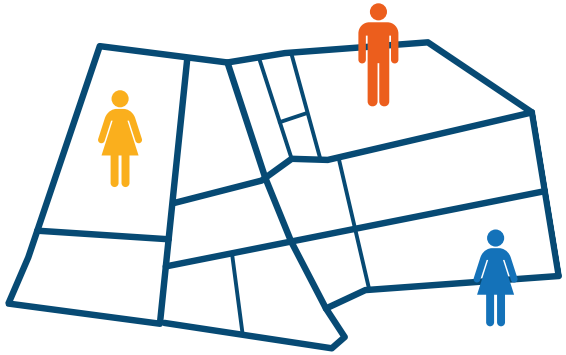
A primeira etapa da Cartografia Coletiva consistiu em identificar os locais de residência, de lazer e de trabalho das participantes no mapa de Maceió, de modo a traçar o perímetro que elas acessam e identificar as diferentes partes da cidade que exploram. Na segunda etapa, o objetivo foi mapear espaços específicos no mapa do entorno de cada escola e territorializar as sensações de (in)segurança, sinalizando, sempre que possível, os diferentes tipos de medo e violências de gênero, as ocorrências e os motivos que levaram a estas sensações e incidentes.

BOX 3

Dimensão a ser cartografada	Perguntas orientadoras
Localização residencial das participantes	***Onde vocês moram?***
Deslocamentos cotidianos relacionados com o entorno das escolas	***Quais deslocamentos fazem no dia a dia?***
Espaços e equipamentos públicos atrativos	***Quais espaços públicos e ruas do seu bairro e do entorno da escola vocês gostam e nos levariam para conhecer?***
Espaços públicos inseguros	***Quais espaços públicos e ruas vocês têm medo de passar ou permanecer?***
Refúgios e rotas de fuga	***Caso você sofresse uma ameaça de violência, importunação ou assédio sexual, existe algum lugar de acesso público próximo a esses lugares que possa servir de refúgio e seja possível recorrer em alguma situação de perigo?***
Espaços públicos seguros e acolhedores	***Quais espaços públicos e ruas vocês se sentem seguras e acolhidas?***
Espaços a serem aprimorados e desejos de mudança direcionados a segurança e o usufruir da cidade	***Quais espaços públicos e ruas vocês gostariam que fossem melhores?***

A Cartografia Coletiva permitiu territorializar as sensações de (in)segurança e os fatores socioambientais e de desenho urbano próprios de cada local que podem contribuir para a ocorrência das violências de gênero vivenciadas pelas participantes. Ademais, ao captar as necessidades, desejos e experiências, a Cartografia permitiu tanto a localização das situações de violência de gênero, quanto o mapeamento dos lugares considerados mais seguros pelas participantes da atividade.

Durante a condução das atividades e análises dos resultados procurou-se identificar quais violências se enquadravam como de gênero e quais relatos se relacionavam com outros tipos de medos e violências. Por fim, as jovens apresentaram os resultados da Cartografia Coletiva para o outro grupo, permitindo encontrar os pontos de convergências ou divergências sobre os espaços da cidade e suas sensações de (in)segurança.



Como dito previamente, a violência de gênero se define como qualquer tipo de agressão física, psicológica, sexual, moral ou simbólica contra alguém devido a sua identidade de gênero ou orientação afetivo-sexual. Isso inclui desde discursos de ódio, comportamentos e práticas culturais nocivas, perseguição (stalking), até insinuações sexuais indesejadas, importunação sexual, assédio sexual, violência física, estupro e feminicídio (ver Anexo II).

Cartografia Coletiva na Oficina Cidade Mulher

© Minne Santos - ONU-Habitat, 2022.

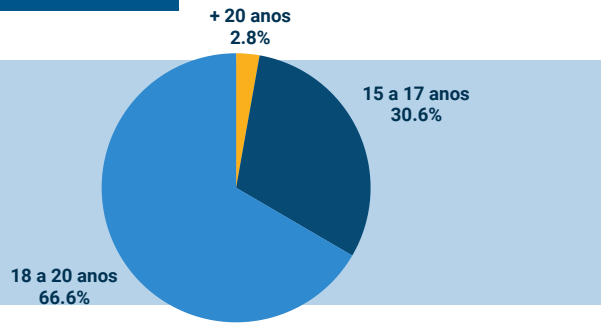
Capítulo 3

RESULTADOS E ANÁLISES

3.1. Perfil das participantes

As Oficinas ocorreram em novembro de 2022, com o total de 36 estudantes de 15 a 20 anos, sendo 22 da EE Maria das Graças (Feitosa) e 14 da EE Dra. Eunice Lemos (Benedito Bentes). Sobre o perfil das participantes destacam-se alguns dados e considerações:

PERFIL GERAL



Faixa etária

A maioria (66,6%) das participantes tinha entre 18 e 20 anos. Considerando que a idade recomendada para o Ensino Médio é entre 15 e 17 anos, a prevalência de jovens fora dessa faixa etária pode indicar uma distorção idade-série. O dado também aponta diferenças entre as escolas – na EE Maria das Graças, 54,5% estavam na faixa de 18 a 20 anos, e mais de 85% na EE Dra. Eunice Lemos. Nesta, apenas duas das participantes estavam dentro da idade recomendada.

Gênero e sexualidade

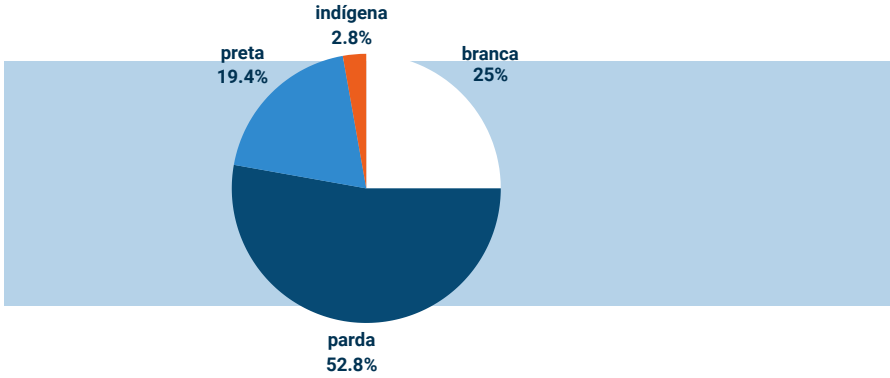
• Das 36 jovens, 35 se declararam mulheres cis e uma pessoa, não-binária.

• Em relação à orientação sexual, 75% se declaram heterossexuais.

No momento do questionário, as jovens demonstraram bom entendimento sobre as opções indicadas, apesar do notável desconforto com relação ao tema por parte das jovens da EE Dra. Eunice Lemos. Contudo, em sua maioria, pediram mais esclarecimentos na pergunta sobre identidade de gênero, revelando a necessidade de reforçar a abordagem sobre esse tema nas escolas.

Raça e etnia

O principal contraste entre as duas escolas nos resultados do questionário aparece na pergunta sobre raça e etnia. Na EE Maria das Graças, 63,3% se declararam pardas, enquanto apenas 35,7% das participantes da EE Dra. Eunice Lemos, resultando em uma representação de 52,8% de pessoas pardas dentre todas as participantes das oficinas. Já em relação às participantes que se declararam como pretas, o percentual foi similar – 18% na EE Maria das Graças e 21% na EE Dra. Eunice Lemos, resultando em um público de jovens autodeclaradas pretas de 19,5% nas duas oficinas.



Participação em coletivos

Por serem estudantes de ensino integral, as jovens declararam dispor de pouco tempo livre e, portanto, não costumam realizar outras atividades além das escolares. Com isso, a sua participação em coletivos é muito reduzida – das 36 estudantes, 30 não participam de nenhum grupo, cinco frequentam grupos da igreja e uma pratica esporte coletivo.

MORADIA

Quanto à moradia, na EE Dra. Eunice Lemos, 85,7% das participantes afirmaram residir em casa própria e 14,3%, casa alugada. Já na EE Maria das Graças, 63,6% declararam que residem em casa própria e 36,4%, casa alugada.

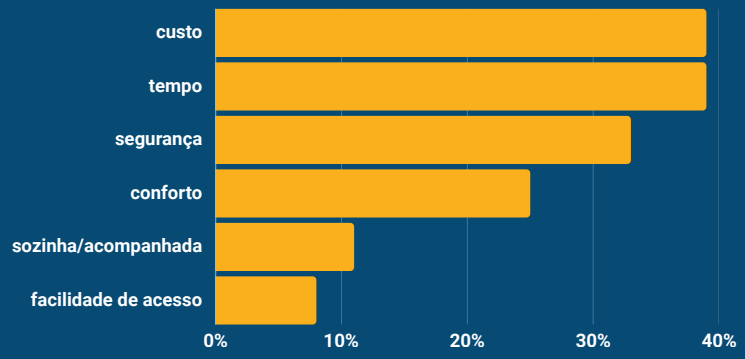
MOBILIDADE

Fatores para decisão sobre o meio de transporte

Ao serem questionadas sobre quais fatores influenciam mais na tomada de decisão sobre o meio de transporte a ser utilizado, as participantes enfatizaram que o custo é o fator primordial, seguido de tempo e segurança. Elas não fazem muitos deslocamentos além do trajeto casa-escola e os outros que realizam, com pouca frequência, são para a academia, igreja, mercado ou casa de familiares, além de raras menções a shoppings como atividade de lazer.

Veículos próprios na residência

Sobre as possibilidades de locomoção, cerca de 44% das jovens declararam não possuir nenhum veículo próprio (carro, moto e/ou bicicleta) em sua residência, 22% disseram que a família possui carro próprio, 22% bicicleta e apenas 13,9% afirmaram dispor de moto. Com isso, 86% fazem a maior parte de seus deslocamentos a pé e metade das jovens utiliza ônibus com frequência.



Uso de ônibus e carros de aplicativo

Dois pontos de diferença observados entre as escolas em relação à mobilidade são a utilização de ônibus e carros de aplicativo. Na EE Maria das Graças, apenas 31,8% não costuma utilizar carro de aplicativo e 41% não costuma utilizar ônibus. Já na EE Dra. Eunice Lemos, 64,3% não utiliza carro de aplicativo com frequência e apenas 14,3% não utiliza o transporte público.

© Reprodução

3.2. PERCEPÇÕES DAS PARTICIPANTES NAS RODAS DE CONVERSA E CARTOGRAFIAS COLETIVAS

> *Estar segura é sair de casa sabendo que podemos sair do jeito que a gente quer sem sofrer abuso, sem ficar tensa, sem ter medo de ser assaltada, sem ter que verificar o tempo todo se existe alguém te seguindo".*
> **(jovem da EE Maria das Graças, Feitosa).**

> *Se sentir segura também é se sentir acolhida como se é, que você pode pertencer naquele lugar e não ser discriminada. Não sentir ameaça por ser quem se é, sendo mulher, negra, lésbica, LGBTQIAP+" .*
> **(jovem da EE Maria das Graças, Feitosa).**

As Rodas de Conversa foram iniciadas com a pergunta "para você, o que é estar e se sentir segura na cidade?". Sentir-se segura, para as jovens, é o contrário do que elas experienciam nas ruas, ou seja, é "estar onde não tem risco, onde não tem violência", segundo uma jovem da EE Dra. Eunice Lemos.

Foram diversos relatos de terem sido vítimas ou testemunhado falas intimidadoras, insinuações sexuais indesejadas, perseguições, importunação sexual contra meninas e mulheres, além de abordagens masculinas ofensivas, ameaças ou ocorrência de outras violências físicas e verbais, majoritariamente em ruas, espaços públicos (praças, parques, quadras esportivas) e equipamentos públicos (escola). Também foram relatadas situações de racismo e violência urbana, como ameaça ou ocorrência de assaltos e violência policial.

O medo é um dos principais fatores que levam as participantes a passarem a maior parte, quando não a totalidade do seu tempo livre dentro de casa. Muitas jovens, ao inserir os pontos que frequentam no mapa de Maceió, identificaram as suas casas e algumas vezes casas de amigas como os únicos espaços de lazer que frequentam na cidade.

Na figura 2, é possível observar que as estudantes da escola localizada no Feitosa realizam mais atividades fora de seus bairros de moradia. Isso se deve à maior presença de jovens no grupo que trabalham e de opções de lazer nos bairros adjacentes. A praia também aparece com mais frequência como destino de lazer para essas estudantes, ao contrário das jovens da escola do Benedito Bentes, que raramente frequentam a praia, visto que o trajeto do bairro até a orla litorânea leva, no mínimo, uma hora em transporte público (Figura 3).

Figura 2: *Cartografia Coletiva da Cidade Mulher na EE Maria das Graças - Feitosa*
Fonte: ONU-Habitat, 2022.

A maneira como cada gênero experiencia e usufrui da cidade impacta no desenvolvimento das relações sociais. Segundo as participantes de ambas as escolas, elas quase não saem de casa, passam mais tempo com seus familiares quando estão fora da escola, não conhecem bem a cidade e percorrem um perímetro restrito, limitado a seu bairro de origem e ao trajeto da casa à escola ou à casa de familiares. De acordo com as jovens, por outro lado, os meninos estão sempre juntos, exploram mais a cidade, praticam esportes em quadras públicas e frequentam festas – atividades que, na maioria das vezes, elas acompanham pelas redes sociais.

Figura 3: *Cartografia Coletiva da Cidade Mulher na EE Dra. Eunice Lemos - Benedito Bentes.*
Fonte: ONU-Habitat, 2022.

Outras razões apontadas para ficarem em casa são a falta de espaços públicos que elas entendem como acolhedores nos seus bairros e na cidade, como locais iluminados, limpos, sem usuários de drogas, ocupados por uma diversidade de pessoas, com espaços para alimentação, lazer e ouvir música. Além disso, apontam que estudar em tempo integral as deixa com pouco tempo livre e energia para a realização de atividades fora da escola.

A preocupação dos familiares com a segurança das jovens também contribui para este fator e elas relataram que é injusto que meninos e homens tenham mais liberdade de usufruir dos espaços públicos sem muitas restrições desde a infância. Na visão delas, meninas e mulheres são ensinadas a se protegerem desde pequenas, enquanto homens não são suficientemente ensinados a não violentar – "os homens nascem muito mais livres. As meninas nascem presas", disse uma jovem da EE Maria das Graças.

Apesar do sentimento de injustiça, as participantes mostraram-se compreensivas e concordantes com as limitações impostas pelos pais, dado que elas próprias compartilham o medo do que pode acontecer quando saem de casa, preferindo não sair, apesar de possuir permissão por parte dos seus responsáveis.

Quando saem, sentem-se mais confortáveis e seguras em espaços públicos e festas na companhia de homens em quem confiam, como namorados ou amigos, muitas vezes condicionando sua ida à presença deles. A dependência de uma presença masculina confiável limita a vivência dessas jovens na cidade e nos entornos escolares, considerando os relatos que elas não possuem muitos amigos do sexo masculino na escola.

As jovens relataram sempre se preocupar com a vestimenta, devido às insinuações sexuais indesejadas e importunação sexual constante, evitando usar saias e vestidos que exponham mais o corpo em função do medo de chamar uma atenção indesejada – "**a gente quer ser invisível nas ruas para se sentir segura"**, relatou uma jovem da EE Maria das Graças.

As alternativas ao deslocamento a pé tampouco garantem mais segurança, visto que ao usar transporte público e outras formas de mobilidade, como carro de aplicativo, as jovens ainda sentem medo da presença masculina e da exposição a situações de insinuações sexuais indesejadas, importunação sexual, assaltos e outros tipos de violência.

Embora a maioria das jovens prefira ficar em casa para se proteger dos riscos de sair, o ambiente doméstico não é sinônimo de segurança para todas. Após relatos de importunação e abuso sexual dentro do núcleo familiar, as jovens reivindicaram espaços de acolhimento no bairro e na cidade para pessoas que sofrem violências dentro de casa. Os espaços serviriam também para a comunidade LGBTQIAP+ , que é mais vulnerável a situações de violência devido ao preconceito que sofre.

Como exemplo, uma jovem mencionou o estupro e assassinato de uma amiga travesti na Praia da Avenida, localizada no bairro do Centro, em meados de 2022, caracterizado como crime de ódio e transfobia. Outra participante também mencionou ter sofrido lesbofobia, por ter sido perseguida na rua por um pai de uma colega da escola, que a intimidava e gritava “sapatão”.

3.2.1. INSEGURANÇA NO ENTORNO ESCOLAR

Deixar de andar em alguns espaços públicos ou mudar a rota para evitar trechos sem muita circulação e presença de pessoas (“esquisitos”, segundo as jovens) são estratégias comuns e compartilhadas entre os grupos participantes. Em ambas as localidades, foram mapeadas ruas caracterizadas por fatores ambientais e urbanos que contribuem para a sensação de medo e/ou a facilitam a ocorrência de assaltos e violências de gênero. Somado a isso, relataram desconforto e insegurança em espaços com forte presença masculina, como oficinas de carros e quadras de futebol.

De acordo com as jovens, os espaços mapeados como os mais inseguros, tais como ruas, praças, quadras esportivas e pontos de ônibus, são marcados por iluminação pública insuficiente ou inexistente, ruas estreitas e/ou sem calçadas, espaços ou edificações em mau estado de conservação ou desocupados, trechos de rua com muros muito altos, trechos com ausência de pessoas e/ou com pouca diversidade programática e de uso do solo, por exemplo, em zonas apenas comerciais ou residenciais.

Cartografia Coletiva na Oficina Cidade Mulher

© Minne Santos - ONU-Habitat, 2022.

A percepção de segurança em alguns lugares também pode variar de acordo com o horário e dia da semana. As estudantes da EE Dra. Eunice Lemos não se sentem seguras em seus bairros e no entorno da escola, especialmente a partir do final da tarde, quando há menos iluminação e circulação de pessoas – "as ruas estão sempre vazias, as pessoas ficam entocadas em casa", disse uma estudante moradora do Benedito Bentes.

Já no Feitosa, inicialmente, as participantes disseram se sentir seguras no bairro. Porém, após refletirem, comentaram que a sensação de segurança depende de diversas circunstâncias, como a diversidade e a quantidade de pessoas na rua, o horário, a característica do espaço e da rua, o uso do solo na localidade e da criminalidade existente no entorno. Houve muitos relatos de assaltos no entorno da escola durante à noite – fato atribuído pelas jovens aos muros baixos da escola e a sua localização entre grotas da região, aludindo à criminalidade associada geralmente a esses assentamentos precários.

Como o horário de saída da escola é às 16h30min, horário próximo ao pôr-do-sol em Maceió que ocorre entre 17h e 17h30min, elas evitam demorar ou passar tempo extra no local para chegar em casa antes de anoitecer. No Feitosa, há poucos comércios no entorno da escola e, os poucos que existem, fecham cedo, colaborando para a baixa circulação de pessoas. Outros locais considerados inseguros foram alguns pontos de ônibus esvaziados, ruas com trânsito intenso de motos, o percurso até o Terminal Rodoviário de Maceió, localizado no próprio bairro, além do Terminal em si. Nestes casos, assim como o de praças consideradas inseguras, a presença de pessoas em situação de rua e usuários de drogas contribuem para a sensação de medo e de local "esquisito", segundo as jovens.

Um exemplo desses locais foi a Rua Desembargador Hélio Cabral, destacada negativamente pelas estudantes por ser uma via principal, que privilegia o tráfego de automóveis e motos e conta com pouco comércio e circulação de pedestres. Além disso, está situada em uma área de transição entre duas grotas adjacentes e a presença de crime organizado de facções rivais torna a região suscetível a confrontos entre os grupos criminosos e entre estes e a polícia.

No Benedito Bentes, as participantes discutiram sobre o Mirante da Grota da Princesa, próxima à EE Dra. Eunice Lemos.

Enquanto algumas ressaltaram positivamente o espaço e a vista do mirante, outras disseram que há ocorrência de assaltos, tráfico de drogas e uma reputação de local "mal falado", devido à presença de uma facção criminosa.

Ao se comparar os entornos das duas escolas, é notável a acentuada ausência de espaços e equipamentos públicos, calçadas adequadas ao uso do pedestre e elementos de conforto ambiental no bairro do Benedito Bentes. Contudo, ambos os bairros carecem de elementos que proporcionem sombreamento e proteção solar ou de chuva, impossibilitando a permanência de qualquer pessoa. Além disso, foi apontada, em ambas as localidades, a insuficiência de espaços, equipamentos públicos e atividades programáticas direcionados a meninas e jovens mulheres.

De forma geral, com relação aos locais de moradia e deslocamentos cotidianos, as jovens da EE Maria das Graças moram relativamente perto da escola e dos equipamentos urbanos utilizados, desempenhando deslocamentos a pé e de curta distância. Enquanto isso, em sua maioria, as participantes da EE Dra. Eunice Lemos também desempenham a maioria dos seus deslocamentos cotidianos a pé, porém o fazem percorrendo distâncias mais longas.

Ademais, é importante ressaltar que algumas violências de gênero perpetradas por homens em espaços públicos e relatadas pelas participantes também estão relacionadas com fatores que vão além das condições do espaço urbano. Por exemplo, as participantes compartilharam episódios que fizeram com que se sentissem eventualmente ameaçadas/inseguras dentro da escola, como a entrada e permanência de homens desconhecidos e conflitos com alunos homens.

3.2.2. MEDO NOS DESLOCAMENTOS

A depender do quão insegura parece ser uma rota de deslocamento, algumas jovens disseram optar por realizar alguns trajetos de ônibus mesmo em distâncias caminháveis, pois no transporte coletivo há a possibilidade de recorrer a outras pessoas se for necessário. Ainda assim, aguardar o ônibus em um ponto escuro ou entrar em um ônibus vazio, ou com muitos homens, também gera medo e faz com que elas reconsiderem e avaliem a real necessidade do deslocamento.

Para se sentirem mais seguras em seus trajetos, as jovens relataram já terem feito uso de armas brancas, como pedras e paus, inclusive, uma delas relatou que, por não ter dinheiro para pegar ônibus até a sua casa, voltou a pé de uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e utilizou um pedaço de madeira para se proteger de um eventual ataque.

De forma geral, também foi apontada uma escassez de diferentes opções de frotas de ônibus e modais de transporte público em ambos os bairros. Esse fator foi identificado como um gerador de insegurança pelas participantes, que relataram situações de importunação sexual vivenciadas em ônibus lotados. As moradoras do Benedito Bentes também apontaram que circular pela região é difícil, pois elas têm que atravessar muitas pistas de alta velocidade e temem ser atropeladas até chegar em casa. Considerando que as meninas e mulheres são as que mais caminham e usam o transporte coletivo nas cidades brasileiras, esses dados tornam-se preocupantes.

3.2.3. MAIS POLICIAMENTO E EFETIVO FEMININO

> *No meu bairro, tem muita criminalidade e tráfico e isso afeta muito nossas vidas. Tem muitos riscos de tiroteio. Mas a polícia, que deveria nos proteger, nos ameaça. Moro no Estrondo e eu vejo como a polícia chega, como age com os moradores e trata os moradores das grotas, com preconceito, bate nas pessoas, nos coage, entra nas casas sem mandato e sem respeitar os moradores e batem até nas crianças" .*

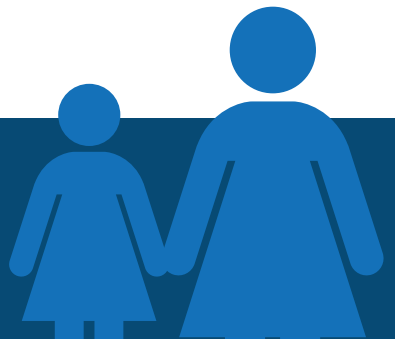
A relação das jovens com as forças policiais se mostrou ambígua nas duas escolas. Embora haja uma percepção compartilhada de que população periférica tender a sofrer um tratamento abusivo por parte da polícia, a maioria das jovens reivindicou mais policiamento e rondas nas ruas para aumentar a sensação de segurança.

Por um lado, os policiais são percebidos como figuras opressoras ou não confiáveis pelas participantes ao expressaram não se sentirem confortáveis em chamar a polícia em casos de assédio e/ou importunação sexual, dado que a maior parte do efetivo policial é masculino e elas acreditam que não seriam devidamente acolhidas. Por outro lado, as participantes associaram a presença de rondas e policiamento a uma maior sensação de segurança, especialmente se houver mais mulheres nas forças policiais.

Um exemplo é que, apesar dos diversos relatos de assaltos durante o dia e a noite, as jovens se sentem atualmente um pouco mais seguras andando nas ruas do Benedito Bentes, visto que, antes era comum testemunhar episódios de violência ofensiva no bairro, como trocas de tiros, e com o reforço do policiamento e da atuação do Programa Ronda no Bairro, do Governo de Alagoas, os incidentes diminuíram, segundo as participantes

A influência da presença da polícia na sensação de segurança também ficou evidente na Cartografia Coletiva, em que as jovens apontaram como espaços seguros locais próximos a prédios de forças policiais ou locais com rondas frequentes. Na proximidade da EE Maria das Graças, o trecho denominado como "Eixo do Quartel" foi indicado como um bom espaço para "andar e conversar".

Esse trecho, localizado atrás do Quartel do 59º Batalhão de Infantaria Motorizado do Exército Brasileiro, é um eixo viário com calçadas largas, equipamentos urbanos e academias ao ar livre ao longo do percurso. Já no Benedito Bentes, a Praça do Cely Loureiro foi um lugar de destaque, pois, além de ter barracas de lanche e ser movimentada, está próxima ao prédio do 5º Batalhão de Polícia Militar no Benedito Bentes, que realiza rondas nas vias principais.



3.2.4. ESPAÇOS SEGUROS, ACOLHEDORES E PONTOS DE REFÚGIO

Como espaços seguros, em ambas as localidades, as participantes identificaram de imediato as residências delas e de amigas, evidenciando a ausência de espaços públicos considerados seguros pelo grupo. Ao serem provocadas a expandir essa percepção, as participantes definiram como espaços seguros a escola, praças com eventos culturais, brinquedos e barracas de lanche, quadras esportivas, postos de saúde, e alguns terminais de ônibus movimentados, como os localizados no Benedito Bentes. Os espaços considerados mais atrativos e acolhedores foram novamente as praças com eventos culturais, espaços comerciais como sorveterias e lanchonetes, quadras esportivas e shoppings.

No Feitosa, dois dos espaços apontados como adequados pelas jovens foram o Condomínio Artemísia e a Quadra Alberto. O primeiro, apesar de ser um espaço privado, "tem lugar para conversar", sendo possível permanecer por algum tempo. Na Quadra, há uma ocupação mista do espaço e elas podem praticar esportes, diferentemente de quadras de futebol com uso exclusivamente masculino, consideradas não acolhedoras. Já no Benedito Bentes, os espaços considerados adequados se resumem em geral a suas casas, de familiares, namorados/as e as igrejas.

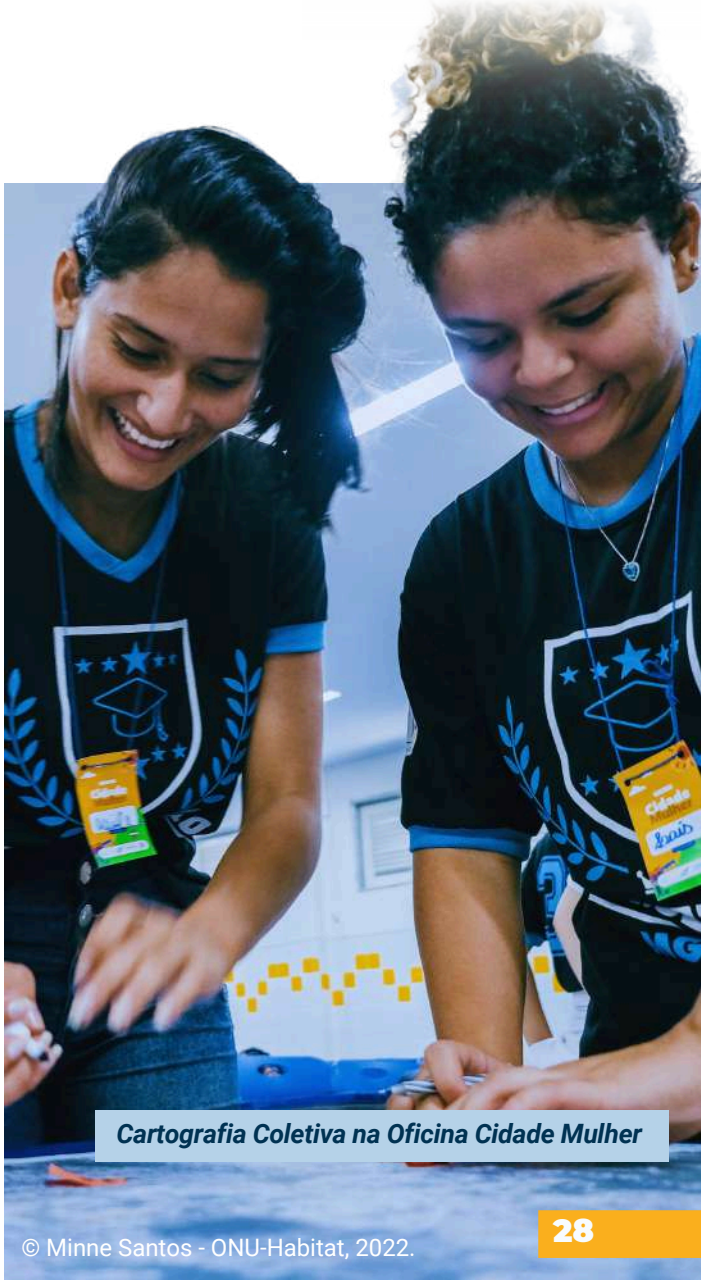
Em relação a espaços de refúgio e rotas de fuga, as jovens apontaram apenas espaços de acesso controlado ou espaços privados. Sendo as suas residências e de amigas, a escola, os postos de saúde e os espaços comerciais, como farmácias, sorveterias e supermercados, os considerados como espaços estratégicos para se recorrer frente a ameaças e situações de violência.

3.2.5. A CIDADE QUE AS JOVENS MULHERES DESEJAM

Para muitas das participantes, a Oficina foi a primeira oportunidade que tiveram para refletir sobre a sua relação com a cidade. Após a atividade, elas concluíram que as necessidades das meninas e mulheres, em geral, não são atendidas nos seus bairros, os espaços públicos não são pensados por e para mulheres mães, e as cidades não dispõem de espaços e acolhimento para mulheres e pessoas LGBTQIAP+ em situação de violência.

A insegurança na cidade também pode afetar a saúde mental e física das mulheres – uma das participantes comentou que tinha vontade de fazer caminhadas para se exercitar, mas não o fazia por medo de situações de importunação sexual, insinuações sexuais indesejadas, perseguição, assaltos e outros tipos de violência nas ruas.

Dada a insegurança e hostilidade dos espaços públicos percebida pelas mulheres, as jovens usam algumas estratégias para se sentirem mais seguras, como tentar andar nas ruas acompanhadas por outras pessoas ou fazer desvios da sua rota usual para evitar caminhos perigosos ou encontros com potenciais assediadores no seu percurso.



Cartografia Coletiva na Oficina Cidade Mulher

© Minne Santos - ONU-Habitat, 2022.

© Reprodução/maceio.al.gov.br

No transporte público, as participantes expressaram usar como estratégia sentar-se sempre perto de mulheres ou perto do motorista.

A Oficina, por fim, mapeou os desejos das estudantes para a sua região. Ao se tratar dos espaços a serem aprimorados, foram apontados pontos de ônibus, praças, terrenos abandonados e em mau estado de conservação. Em geral, as jovens reivindicaram mais iluminação, construção de praças em locais desocupados e mais policiamento nas ruas, especialmente com efetivo feminino.

Na EE Maria das Graças, os desejos incluíram a melhoria da infraestrutura do Terminal Rodoviário de Maceió e dos principais locais de lazer da região. Embora haja boa movimentação, com música ao vivo e opções de alimentação, as jovens melhorariam o local com a instalação de lixeiras, limpeza e zeladoria do ambiente e mais iluminação.

As estudantes da EE Dra. Eunice Lemos também pediram mais iluminação e a atuação do Programa Ronda no Bairro não apenas nas vias principais, mas também nas ruas dentro do bairro.

Além disso, imaginando-se como tomadoras de decisão, as jovens promoveriam a implementação de brinquedos, limpeza e uma programação cultural para atrair a população e afastar os usuários de drogas da Praça Padre Cícero, a principal do Benedito Bentes. O bairro também conta com campos de futebol pouco utilizados e, portanto, considerados áreas perigosas. Para estes locais, elas sugeriram iluminação, policiamento, instalação de bancos, brinquedos, equipamentos para a prática de exercícios físicos, além de "enfeites" para adornar e tornar o local agradável.

Em relação às ações que poderiam aumentar a sensação de segurança nos espaços públicos, as jovens propuseram uma série de melhorias apresentada nas páginas a seguir.

ESPAÇOS PÚBLICOS E TRANSPORTES COLETIVOS

- Instalar iluminação adequada nas ruas e espaços públicos;
- Incentivar maior circulação de pessoas nas ruas;
- Realizar manutenção nas praças, incluindo reformas para usos diversos, como brinquedos e equipamentos esportivos;
- Criar espaços lúdicos e esportivos que priorizem o uso de meninas e mulheres;
- Garantir a conservação de ruas e fachadas das edificações;
- Promover ruas mais seguras para mulheres pedestres e ciclistas, com ciclovias, sinalização e iluminação adequada;
- Combater o descaso em edifícios abandonados e áreas com vegetação descuidada e sem poda adequada (os chamados “matagais”);
- Garantir espaço exclusivo para mulheres dentro do ônibus; e
- Aumentar a quantidade e diversidade das frotas e linhas de transportes coletivos.

© Reprodução/canva

VIGILÂNCIA E POLICIAMENTO

- Instalar câmeras para aumentar a vigilância – apesar das jovens ponderarem que as câmeras nas ruas não têm caráter preventivo em relação à agressão ou assédio contra mulheres;

- Ampliar ronda policial, se possível, também com efetivo feminino, dado que as participantes relataram se sentirem mais acolhidas e seguras com a atuação de mulheres policiais; e

- Implementar Delegacias de Defesa da Mulher nos bairros.

© ONU-Habitat, 2023.

CAPACITAÇÕES, CAMPANHAS E ESPAÇOS DE ACOLHIMENTO

- Incluir atividades e disciplinas eletivas na escola que abordem sobre o tema de gênero, em especial, mulher e direito à cidade, mulher e segurança urbana, direitos das mulheres, entre outros;

- Incentivar aulas e formação de grupos de defesa pessoal;

- Realizar campanhas contra assédio e importunação sexual, machismo e outras formas de discriminação e de violência de gênero;

- Implementar e criar leis que garantam a segurança das mulheres no espaço público;

Como exemplo, uma participante mencionou a importância de reforçar a implementação do Projeto de Lei 415/21, que visa alterar a Política Nacional de Mobilidade Urbana e estabelecer que os ônibus do transporte coletivo urbano poderão parar fora do ponto para desembarque de passageiros, no horário das 20h até 5h, quando isso for solicitado por idosos, pessoas com deficiência e mulheres[1].

Implementar espaços de refúgio e acolhimento para que meninas, mulheres e pessoas LGBTQIAP+ possam recorrer em casos de violência sofridos dentro de casa ou nas ruas.

© Minne Santos - ONU-Habitat, 2022.

[1] Para mais informações, acesse: https://maceio.al.gov.br/noticias/smtt/mulheres-podem-solicitar-o-desembarque-fora-dos-pontos-de-onibus.

Capítulo 4
RECOMENDAÇÕES

Os resultados das Oficinas reforçam a necessidade de implementação de metodologias participativas no planejamento urbano e a criação de estratégias que visem a construção de cidades mais inclusivas, seguras e sustentáveis para meninas e mulheres. A partir dessa iniciativa piloto, recomendam-se as seguintes ações:

CURTO PRAZO

Realização de oficinas sobre transversalização de gênero e políticas públicas em processos de planejamento estaduais

As oficinas podem colaborar para:

- Capacitar e orientar servidoras/es e gestoras/es públicas/os sobre possibilidades de transversalização de gênero nos processos de formulação de políticas e programas do governo estadual; e
- Identificar caminhos para a continuidade e consolidação da perspectiva de gênero no diagnóstico, concepção e implementação de políticas públicas por meio de métodos que contemplem:
- Aplicação da análise interseccional de políticas públicas a partir do eixo de identidade de gênero, utilizando o esquema didático-metodológico das etapas do ciclo de políticas públicas;
- Aplicação de metodologias participativas para diagnosticar e propor mudanças no planejamento urbano a partir das experiências interseccionais de meninas e mulheres nas cidades, como as metodologias Her City[2] e Cidade Mulher do ONU-Habitat; e
- Criação de métodos para implementação de orçamentos públicos sensíveis a gênero e raça.

Implementação de campanhas institucionais anti-machistas, contra o assédio e importunação sexual e contra outras formas de discriminação (racismo, lesbofobia, transfobia) nos bairros

- Campanhas institucionais de caráter educativo e de representatividade são fundamentais para garantir a segurança de meninas e mulheres de diferentes idades, raças e orientações afetivo sexuais. Também tem o importante papel de informar sobre as formas de denúncia e acolhimento de vítimas da violência de gênero.

Inclusão da perspectiva de gênero na elaboração do Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado (PDUI) da Região Metropolitana de Maceió

- A metodologia das Oficinas Cidade Mulher e os resultados obtidos em Maceió podem inspirar o processo de participação social do PDUI, bem como das etapas metodológicas previstas para serem realizadas em localidades semelhantes da RMM.

[2]Para saber mais, acesse: https://unhabitat.org/her-city-a-guide-for-cities-to-sustainable-and-inclusive-urban-planning-and-design-together-with

MÉDIO PRAZO

Incorporação das recomendações em programas e projetos estaduais

- Dado que a transversalização de gênero exige um esforço multissetorial para sua efetivação, recomenda-se a articulação de ações que incluam, pelo menos, representantes das escolas estaduais e da Secretaria de Estado da Educação (Seduc), Secretaria de Estado do Esporte, Lazer e Juventudes (Selaj), Secretaria de Estado da Mulher e dos Direitos Humanos (Semudh), Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio (Seplag), SSP e Secretaria de Estado de Transporte e Desenvolvimento Urbano (Setrand).

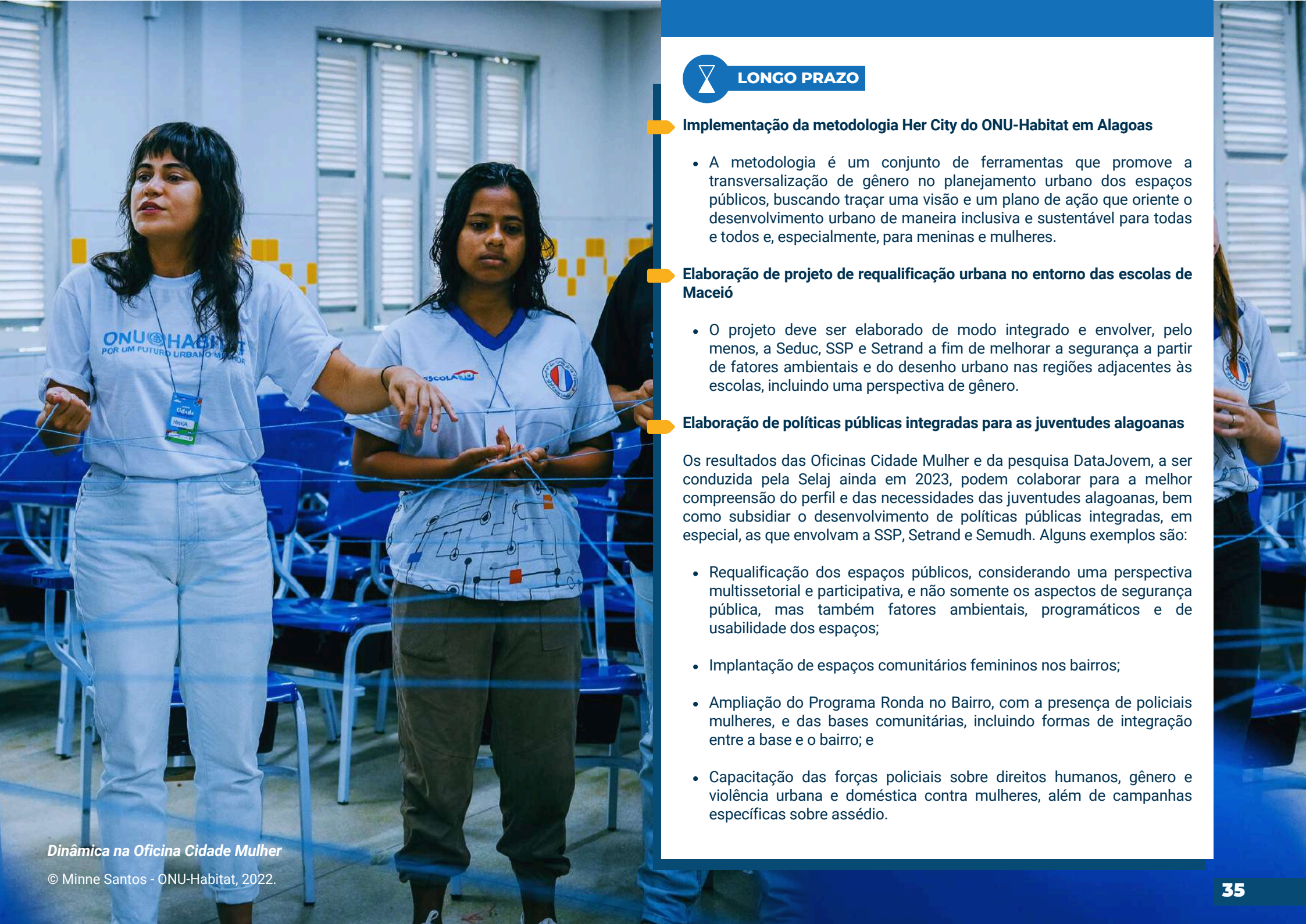
Elaboração de estratégias para que o ensino público integral promova mais conexão entre estudantes e a comunidade do entorno

Considerando que estudantes de ensino integral passam a maior parte de seu tempo na escola, esta deve exercer um papel de promotora da vivência comunitária e de conexão das/os jovens com a cidade. Para tanto, algumas ações podem ser realizadas como:

- Incluir atividades de extensão com os temas de cidades, gênero e raça na carga horária extracurricular do ensino médio integral;
- Promover a integração das/os estudantes com o entorno, incluindo nas matérias do currículo base atividades externas ao ambiente da escola ou dentro do escopo de atividades de extensão complementares da escola; e
- Promover a integração da comunidade com a escola com a produção de eventos para a comunidade dentro do ambiente escolar ou abrindo o ambiente escolar para uso da comunidade em períodos e horários não letivos.

Cartografia Coletiva na Oficina Cidade Mulher

© Minne Santos - ONU-Habitat, 2022.



Dinâmica na Oficina Cidade Mulher

© Minne Santos - ONU-Habitat, 2022.

LONGO PRAZO

Implementação da metodologia Her City do ONU-Habitat em Alagoas

- A metodologia é um conjunto de ferramentas que promove a transversalização de gênero no planejamento urbano dos espaços públicos, buscando traçar uma visão e um plano de ação que oriente o desenvolvimento urbano de maneira inclusiva e sustentável para todas e todos e, especialmente, para meninas e mulheres.

Elaboração de projeto de requalificação urbana no entorno das escolas de Maceió

- O projeto deve ser elaborado de modo integrado e envolver, pelo menos, a Seduc, SSP e Setrand a fim de melhorar a segurança a partir de fatores ambientais e do desenho urbano nas regiões adjacentes às escolas, incluindo uma perspectiva de gênero.

Elaboração de políticas públicas integradas para as juventudes alagoanas

Os resultados das Oficinas Cidade Mulher e da pesquisa DataJovem, a ser conduzida pela Selaj ainda em 2023, podem colaborar para a melhor compreensão do perfil e das necessidades das juventudes alagoanas, bem como subsidiar o desenvolvimento de políticas públicas integradas, em especial, as que envolvam a SSP, Setrand e Semudh. Alguns exemplos são:

- Requalificação dos espaços públicos, considerando uma perspectiva multissetorial e participativa, e não somente os aspectos de segurança pública, mas também fatores ambientais, programáticos e de usabilidade dos espaços;

- Implantação de espaços comunitários femininos nos bairros;

- Ampliação do Programa Ronda no Bairro, com a presença de policiais mulheres, e das bases comunitárias, incluindo formas de integração entre a base e o bairro; e

- Capacitação das forças policiais sobre direitos humanos, gênero e violência urbana e doméstica contra mulheres, além de campanhas específicas sobre assédio.

Considerações finais

Por meio das Oficinas Cidade Mulher, realizadas em duas escolas estaduais de Maceió, foi possível territorializar questões socioambientais e de desenho urbano que afetam a sensação de (in)segurança de jovens mulheres dos bairros do Feitosa e Benedito Bentes. As Oficinas levantaram questões que são tanto consequências das desigualdades estruturais e opressões de gênero enfrentadas por meninas e mulheres, quanto fatores causados por um planejamento urbano que não tem contemplado de forma efetiva as suas experiências, desejos e necessidades interseccionais na cidade.

Como relatado, o medo e a sensação de vulnerabilidade à violência têm limitado a liberdade de circulação e o acesso das meninas e mulheres às mesmas oportunidades de lazer, educação e trabalho desfrutadas pelos meninos e homens, impactando negativamente a sua saúde e bem-estar. Frente a este problema, o desenho de espaços públicos mais seguros pode contribuir para reduzir as suas ocorrências e aumentar a percepção de segurança de meninas e mulheres. Nesse sentido, as intervenções e melhorias propostas pelas jovens durante as oficinas, tais como a necessidade da criação de espaços de lazer e esportivos que priorizem o uso das meninas e mulheres e a criação de espaços de acolhimento para mulheres e pessoas LGBTQIAP+ em situação de violência, se mostram como propostas potentes.

Além disso, a implementação de campanhas, capacitações nas escolas, policiamento com efetivo feminino, também devem ser vistas como soluções extremamente interessantes.

Por fim, a realidade das informações coletadas e a riqueza das soluções propostas refletem a importância do uso de ferramentas metodológicas como a Cidade Mulher. Através de atividades participativas com enfoque em gênero, são geradas evidências e dados qualificados para informar a construção e adaptação de políticas públicas que confrontem as desigualdades, violências e opressões (sexismo, racismo, classicismo, lesbofobia, transfobia, etc.) vivenciadas no meio urbano pelas meninas e mulheres.

A partir dos resultados e recomendações, espera-se contribuir com a transversalização de gênero na formulação de políticas do governo estadual, e, consequentemente, para a construção de cidades mais inclusivas, seguras e sustentáveis para todas as pessoas. Para isto, entende-se que é necessário a inclusão da perspectiva de gênero no planejamento de cidades e na elaboração das estratégias de segurança urbana do estado, mas também se torna necessário um esforço multisetorial para que as políticas públicas focadas em gênero também sejam integradas às políticas setoriais existentes.

Meninas realizando Cartografia Coletiva

© Minne Santos - ONU-Habitat, 2022.

referências bibliográficas

BANCO MUNDIAL Proportion of seats held by women in national parliaments (%). 2017. Disponível em https://data.worldbank.org/indicator/SG.GEN.PARL.ZS?end=2017&start=1990&view=chart. Acesso em 10 out. 2022.

BANCO MUNDIAL. Inclusão financeira está crescendo, mas permanecem vazios, mostra o Banco de Dados Global Findex. 2018. Disponível em https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2018/04/19/financial-inclusion-on-the-rise-but-gaps-remain-global-findex-database-shows. Acesso em 15 nov. 2022.

BID; CAF; UN-Habitat. As desigualdades de gênero nas cidades. 2020. Disponível em https://publications.iadb.org/publications/portuguese/document/As_desigualdades_de_genero_nas_cidades.pdf. Acesso em 10 out. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

Instituto Locomotiva; Agência Patrícia Galvão. Percepções sobre Segurança das Mulheres nos Deslocamentos pela Cidade. 2021. Disponível em https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/81-das-mulheres-ja-sofreram-violencia-em-seus-deslocamentos/. Acesso em 05 abr. 2023.

PNUD. Cities Alive: Designing Cities That Work for Women. 2022. Disponível em https://www.undp.org/publications/cities-alive-designing-cities-work-women. Acesso em 15 nov. 2022.

ONU Mulheres. Pelo Fim da Violência Contra Mulheres. 2017. Disponível em http://www.onumulheres.org.br/noticia/publicacoes/fim-da-violencia/. Acesso em 05 abr. 2023.

UN-Habitat. World Cities Report 2022. Disponível em https://unhabitat.org/wcr/. Acesso em 05 abr. 2023.

UN-WOMEN. Safe Cities and Safe Public Spaces - Global Results Report. 2017. Disponível em https://www.unwomen.org/sites/default/files/Headquarters/Attachments/Sections/Library/Publications/2017/Safe-Cities-and-Safe-Public-Spaces-Global-results-report-en.pdf. Acesso em 05 abr. 2023.

UN-WOMEN. Safe Cities and Safe Public Spaces for Women and Girls Global Initiative. 2021. Disponível em https://www.unwomen.org/sites/default/files/Headquarters/Attachments/Sections/Library/Publications/2021/Safe-Cities-and-Safe-Public-Spaces-global-results-report-2017-2020-en.pdf. Acesso em 05 abr. 2023.

ZIMM, Malin. Girls' room in public space – planning for equity with a girl's perspective. 2020. Disponível em: https://thecityateyelevel.com/stories/girls-room-in-public-space-planning-for-equity-with-a-girls-perspective/?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com. Acesso em 05 abr. 2023.

anexo 1

QUESTIONÁRIO DE PERFILAÇÃO

1. Qual seu nome completo?

2. Qual a sua idade?
[15 a 17 anos]
[18 a 20 anos]
[+20 anos]

3. Qual sua identificação étnica/racial?
[negra]
[parda]
[indígena]
[amarela]
[branca]
[prefiro não opinar]

4. Qual sua identidade de gênero?
[mulher trans]
[mulher cis]
[homem trans]
[não binário]

5.Qual sua orientação sexual?
[homossexual]
[heterossexual]
[bissexual]
[assexual]
[prefiro não opinar]

6. Você possui alguma deficiência? Caso sim, qual?

7. Qual seu número de telefone para contato?

8. Termo de imagem e voz
Você autoriza a utilização da imagem e voz constantes em fotos, gravações e filmagens decorrentes da participação no evento acima especificado? As imagens e vozes poderão ser exibidas nos relatórios parcial e final do referido evento, apresentações audiovisuais, publicações e divulgações disponibilizadas em acesso aberto, por meio do portal, dos perfis em redes sociais, bem como de outros sistemas de disseminação da informação e do conhecimento. A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado.

9. Em que bairro/comunidade/grota você vive?

10. Você participa de algum grupo no bairro/comunidade/grota onde vive? Se sim, qual?

11. A residência onde você vive é:
[alugada]
[própria]
[ocupada]
[não sei/prefiro não opinar]

12. Você tem filhos/as e/ou outras pessoas dependentes sob sua responsabilidade e cuidado?
[Não]
[Sim, 1]
[Sim, 2 ou mais]

13. Você ou na sua casa tem algum desses veículos próprios para se deslocar?
[Bicicleta]
[Moto]
[Carro]
[Nenhuma das opções]

[CONTINUA]

14. Quais caminhos percorrem no dia a dia, de onde para onde? E como? A pé, de ônibus de bicicleta?

15.Com que frequência você̂ se desloca nos meios abaixo? [matriz modais x frequência]

16. Modais
[A pé]
[Bicicleta]
[Ônibus]
[Carro próprio (seu ou de familiares)]
[Moto (seu ou de familiares)]
[Carona]
[Carro de aplicativo]

17. Frequência
[1 a 2 vezes na semana]
[3 a 6 vezes na semana]
[7 ou + vezes na semana]
[Não costumo utilizar]

18. Frequência
[1 a 2 vezes na semana]
[3 a 6 vezes na semana]
[7 ou + vezes na semana]
[Não costumo utilizar]

[FIM]

TIPOS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Tipos de Violência de Gênero	Descrição
Violência Física [qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher]	Agressões físicas: atirar objetos, espancamento, lesões com objetos cortantes, sufocamento, estrangulamento, entre outros.
Violência Psicológica [qualquer conduta que cause dano emocional, diminuição da autoestima da mulher ou que vise intimidação]	Perseguição, Discursos de ódio, insultos verbais, ridicularização, ameaças, limitação do direito de ir e vir, entre outros.
Violência Sexual [qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força]	Insinuações sexuais indesejadas, importunação sexual, assédio sexual, estupro, obrigar a mulher a fazer ou presenciar atos sexuais que causam desconforto ou repulsa, limitar ou anular o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher, pornografia de vingança, entre outros.
Violência Moral [qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria]	Rebaixar a mulher por meio de xingamentos que incidem sobre a sua índole, desvalorizar a vítima pelo seu modo de se vestir, emitir juízos morais sobre a conduta, entre outros.
Violência Simbólica [violência invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação]	Comportamentos (ex.: mansplaining), discursos e práticas que criam mecanismos sutis de exclusão e dominação sobre as mulheres utilizados por indivíduos ou instituições.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cidade Mulher : oficinas. -- Maceió, AL : Cepal - Companhia de Edição, Impressão e Publicação de Alagoas, 2024.

Bibliografia.
ISBN 978-65-85884-14-3

1. Mulheres - Aspectos psicológicos 2. Mulheres - Aspectos sociais 3. Políticas públicas 4. Políticas sociais 5. Saúde da mulher 6. Segurança (Direito).

24-228792 CDD-305.42

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Aspectos sociais : Sociologia 305.42

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Impressão: Imprensa Oficial Graciliano Ramos

Papel de capa: Triplex 250g

Papel de miolo: Offset 120g

Tipografia: Montserrat

VISÃO ALAGOAS 2030

Estratégia Urbana Inclusiva e Sustentável

Escaneie para saber mais

Continue nos acompanhando!

- @onuhabitatbrasil
- onuhabitatbr
- @onuhabitatbr
- /onuhabitatbrasil

visaoalagoas2030.al.gov.br